silemg
notícias
ED 09
SET 2021

NÓS AMAMOS LEITE!

SILEMG EM AÇÃO

CRISE HÍDRICA E O IMPACTO NA PRODUÇÃO DE LEITE

Um dos principais desafios que toda a cadeia do leite vem encarando são as atuais adversidades climáticas. A secura dos pastos por conta da escassez de chuvas vem impactando negativamente toda a cadeia produtiva: promovendo aumentos de custos na produção/criação e na indústria. Por conta disso, os preços dos laticínios chegam elevados ao consumidor final, o que reflete diretamente na demanda. "Minha expectativa é que chova o mais rápido possível, porque só isso irá contribuir para que conseguamos manter um valor de leite que traga uma melhor distribuição dos custos entre os elos da cadeia e faça com que a produção de derivados tenha seu preço diminuído", destaca Fábio Scarcelli, Presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Queijo (ABIQ).

A atual crise hídrica é uma das mais marcantes do país nos últimos anos e preocupa o setor. "Há várias décadas não acontece uma seca dessa magnitude, principalmente no Sudeste. As previsões para o Centro-Oeste e Nordeste Mineiro, Zona da Mata e Triângulo Mineiro, são de chuvas regulares somente a partir de outubro, e isto afeta fortemente toda cadeia de produção, desde o produtor, indústria e até o consumidor. Tanto o produtor quanto a indústria estão fortemente comprometidos com os custos. Não podemos esperar as chuvas para agir, nosso objetivo é tomar atitudes o quanto antes, independentemente de termos ou não chuvas", destaca José Antônio Bernardes, Diretor da Embaré Industrias Alimentícias S.A.

BUSCANDO ALTERNATIVAS

Para minimizar os impactos da escassez de chuvas, todo o setor de laticínios está ainda em busca de alternativas. Entre as possibilidades em análise, está a manutenção dos preços de venda dos produtos, a alavancagem de campanhas de marketing, dentre outras ações, sempre visando a manutenção do equilíbrio do setor e da qualidade entregue ao consumidor final.

Estes e outros importantes assuntos do setor foram abordados durante a reunião online do dia 14 de setembro promovida pelo Sindicato das Indústrias de Laticínios do Estado de Minas Gerais (Silemg) em parceria com a Associação Brasileira de Lácteos Longa Vida (ABLV) e a Associação Brasileira das Indústrias de Queijo (ABIQ), além de associados do Silemg e demais representantes do setor. O objetivo desses encontros é analisar possibilidades de enfrentamento de desafios em conjunto e discutir ideias de atuação para continuar entregando excelentes serviços e produtos.

EM DESTAQUE

PRODUÇÃO EM QUEDA: QUAIS OS IMPACTOS PARA NOSSA INDÚSTRIA?

Os registros quanto à produção de leite no Brasil do último mês de agosto apontam uma queda entre 1,5% e 2,0% em comparação com o mesmo período do ano passado. Os números indicam, também, uma tendência de continuidade dessa queda para os próximos meses.

Os principais fatores para essa projeção negativa são o aumento dos valores de mercado de soja e milho e a consequente queda na rentabilidade dos produtores, além das condições climáticas desfavoráveis. Tem sido observado um aumento generalizado de custos em toda a economia e a indústria de laticínios também vem sendo impactada, com elevação do preço do leite, embalagens, energia e toda a operação logística. "A redução da produção diminui a oferta de leite para a indústria, que acaba aumentando os preços no campo para tentar garantir um suprimento mínimo de leite. Por outro lado, os preços elevados no varejo e as condições econômicas ruins do país dificultam a demanda, então, a indústria se vê pressionada entre custos altos e difícil repasse de preços", explica Valter Galan, Sócio Diretor da AgriPoint Consultoria.

O fato de o estado de Minas Gerais já perseverar, por si só, uma diferenciação muito grande de produção entre suas regiões torna o desafio das indústrias de laticínios mineiras ainda maior. É necessário avaliar as diferentes capacidades produtivas dentro de cada época do ano e de cada uma das regiões do estado, alinhando isso às atuais condições de produção.

ENTENDA A PRODUÇÃO DE LEITE EM MINAS GERAIS

Minas Gerais apresenta variações de solo, clima e topografia ao longo de sua extensão territorial, por isso, a produção de leite em cada região do estado é diferente.

Regiões como o Triângulo Mineiro, por exemplo, apresentam potencial produtivo maior. "As regiões mais planas, como a central e o Triângulo Mineiro, possuem predisposição para o plantio de commodities como o milho, o que proporciona baixo custo de produção de silagem. Desta forma, nessas regiões, os rebanhos são criados em confinamento e recebem mais alimentação, o que gera maior produtividade de leite", explica João Marques Pereira, Diretor Presidente da Cooperativa Agropecuária Vale do Rio Doce.

Enquanto isso, regiões como o Vale do Rio Doce, mostram capacidade produtiva inferior. "Por serem regiões mais montanhosas, a modelo de criação de bovinos predominante em regiões como o Vale do Rio Doce, é o semiextensivo, no qual a base alimentar é pastagem, o que gera um índice produtivo menor", ressalta João Marques.

O QUE ESPERAR DOS PRÓXIMOS MESES?

Esse ajuste negativo na oferta e na demanda pode colocar a indústria em uma situação bastante desafiadora. "Para a indústria como um todo, o impacto é de achatamento. É claro que isso não é linear em todas as empresas, em função de estratégias diferentes e dos segmentos de atuação, mas o impacto geral é de achatamento e fechamento de empresas", afirma Glauco Carvalho, Economista e pesquisador da Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Gado de Leite.

Por isso, a recuperação das indústrias nos próximos meses pode partir de estratégias diferentes, buscando parcerias que possam otimizar processos, melhorar a logística e reduzir custos. "Se a oferta continuar deprimida, num momento futuro de recuperação de demanda, os preços tendem a subir mais fortemente, inclusive em momentos do ano nos quais isso normalmente não acontece", enfatiza Valter Galan. O momento atual, por si só, já não é favorável à demanda, devido às altas taxas de desemprego e à redução da renda dos consumidores, por isso, a preocupação de nossa indústria é não só com esse momento de baixa demanda, mas com a futura retomada dela, no que tange à oferta de produtos e o repasse de preços.

Essa preocupação se deve à possibilidade de não haver aumento da oferta nos próximos meses, mesmo com crescimento da demanda, já que a potencial oferta é de que o custo de produção de leite, por ora, não diminua. "Em termos de custo de produção de leite, a expectativa é que se mantenha mais elevado devido aos baixos estoques de grãos, o encarecimento do frete internacional e seus impactos sobre fertilizantes e defensivos", alerta Glauco Carvalho.

Porém, a expectativa pela chegada das chuvas com a entrada do mês de outubro amenia as preocupações. Na visão de Eduardo Nascimento, Gerente Nacional de Política Leiteira na Usina de Laticínios Jussara S/A, com a regularização das chuvas e retorno das pastagens, a expectativa é que haja uma tendência de aceleração no reequilíbrio da balança ofertas/demanda. "Há uma notória retração de consumo provocada pela diminuição do poder aquisitivo dos consumidores. Nesse sentido, qualquer pequeno aumento de produção poderá reequilibrar essa equação", pontua.

O QUE DEVEMOS FAZER DIANTE DO ATUAL CENÁRIO?

O momento é de união de forças entre as indústrias associadas e parceiras, buscando agir rápido, com foco na transparência e no consumidor final, e atentando às dificuldades produtivas específicas de cada região do estado. "É fundamental trabalhar na agregação de valor aos produtos lácteos, entender os anseios do consumidor e estar cada vez mais preparado para oferecer o que ele está querendo. A chave de tudo é criar uma relação de confiança e o caminho para isso é a transparência", reforça Glauco.

NOSSO ASSOCIADO

CAMPONESA LIDERA NA CATEGORIA LEITE

Campo
Campo
Campo